

## FERNANDINHA

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI<sup>1</sup>

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

Campinas - SP

Estava no barbeiro para cortar meu cabelo...

A manicure me esclareceu que o Paulinho não é b-a-r-b-e-i-r-o; é cabeleireiro! “Barbeiro aqui são o Mandão, o Doca e o Cido,” me informou, com evidente desprezo pelos [segundo ela] menos qualificados.

E dizer que já cortei o cabelo inúmeras vezes com o trio; alternava entre os que estavam livres, até descobrir o Paulinho – que eu achava que também era barbeiro; quero deixar clara minha ignorância para detectar títulos profissionais. Mas identifiquei que Paulinho era melhor... Não mais o abandonei.

No entanto, não era sobre isso que queria escrever; o assunto é outro.

Fernanda – depois descobri que tem quatro anos – acompanhava a mãe, que foi cortar o cabelo e cuidar das mãos. Não deixava a mãe sossegada. Aí, a mãe pediu lápis e papel e propôs que Fernanda ficasse desenhando.

Ótima ideia! Aplicou o enfraquecimento do comportamento indesejado criando condições para evocar comportamento desejado incompatível com perturbar os delicados movimentos da manicure.

Não durou muito.

“Mãe, quero lápis de cor! Preciso pintar meu desenho”, solicitou Fernanda.

“Aqui não temos lápis de cor,” informou a manicure.

“Filha, vai até o carro e pega o iPad. Está no banco de trás. Alguém vai com você até lá,” sugeriu a mãe.

Fiquei decepcionado! Estava torcendo pelos lápis de cor! Os coitadinhos estão tão desprezados nos tempos atuais; ninguém os solicita espontaneamente. Torci pela menina e pelos lápis de cor, contra o iPad. Perdi! Que dúvida...

Chegou o iPad. Bem feito!...

---

<sup>1</sup> Janeiro/2012.

“Mãe, quero comprar um joguinho!”

“Nem pensar! Escolhe um grátis.”

“Como ela vai saber qual é grátis?” perguntou a manicure.

“Ela digita ‘grátis’ e aparecem na tela os que estão disponíveis,” informou a mãe.

Fiquei curioso para saber que outras palavras Fernanda sabia escrever no iPad.

“Ela sabe digitar o próprio nome?” perguntei à mãe.

“Sabe, sim. Digita para o tio,” pediu à filha.

“Não quero!” respondeu Fernanda e encerrou o assunto.

Fernanda apoiava o iPad no colo da mãe, puxava o braço dela, batia na mão da manicure, queria colo...

Pensei: se fosse lápis de cor, seria diferente. Sei lá se seria; quando a gente torce, não há boa lógica. Só há desejos...

Começou a sessão de terror. “Você ainda vai fazer a manicure machucar a mão da Mamãe, se mexendo assim,” disse a mãe.

“Aí vai sair sangue e vai doer muito,” completou a manicure.

“Vai precisar levar a mãe para o hospital,” completou um dos barbeiros (assumindo o preconceito da manicure, acho que se fosse cabeleireiro não faria tanto terror!).

A menina se calou, mas eu não me contive: “Nossa, vocês estão apavorando a menina com tantos horrores. Ela vai ter pesadelos e começar a chupar o dedo à noite.” (Espero não ter dado nenhuma ideia para Fernanda...)

Silêncio geral!

“Filha, senta no colo da Mamãe, benzinho! Pode comprar um joguinho, mas escolhe um bem baratinho!”

Ninguém pensou em comprar lápis de cor...